



O Mundo Pelos Olhos da Máquina-Deus¹

Leonardo FERREIRA²

Agostinho GÓSSON³
Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE.

APRESENTAÇÃO

A crônica “O mundo pelos olhos da máquina-deus” nasceu como produto da disciplina de Laboratório de Jornalismo Impresso, ministrada pelo professor Agostinho Gósson, no primeiro semestre do ano de 2007, aos alunos do 4º semestre do curso de Comunicação Social / Jornalismo da Universidade Federal do Ceará - UFC. O objetivo da disciplina é incentivar os alunos a produzirem seu próprio jornal, tendo experiências práticas do fazer jornalístico, indo da discussão de pautas, da produção dos textos, da feitura de fotografias/ilustrações e da edição de matérias à diagramação do impresso. De forma que a presente crônica foi criada para fazer parte do caderno de opinião do jornal.

O texto aborda a temática “cinema”, mais precisamente uma visão lírico-poética de sua história e filosofia, partindo desde o contexto de seu surgimento e das bases que permitiram sua criação até uma visão de sua evolução, sempre pautando por uma escrita mais preocupada com a expressão artística do que com a informação noticiosa, numa proposta de jornalismo literário.

O trabalho inicia com contextualização alegórica do surgimento do cinema, tecnologia ligada a inovações do início do século XX (notada e iconicamente, a eletricidade, a locomotiva, etc). Em sua conjuntura, esse período se caracteriza

na Europa e no Brasil, pela tentativa de renovação de valores artísticos e culturais, num mundo marcado por violenta crise, que desencadeou não só as grandes guerras como também profundas transformações na vida política e econômica das sociedades.⁴

¹Trabalho submetido ao XIX Expocom, na categoria B2.3 Jornalismo Opinativo, modalidade produto Impresso, como representante da Região Nordeste.

²Estudante do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFC. e-mail: lionhardy@gmail.com

³Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da UFC. e-mail: gosson@ufc.br

⁴HELENA, LUCIA.1996, p 5.



Em oposição a um passado combatido ferrenhamente pelos modernistas, logo o cinematógrafo foi “adotado” por eles para o seu lado da linha de combate, como explicita-se no Manifesto Inaugural da revista Klaxon, veículo militante pós Semana de Arte Moderna de 1922:

“KLAXON sabe que o cinematographo existe. Perola White é preferível a Sarah Bernhardt. Sarah é tragedia, romantismo sentimental e technico. Perola é raciocinio, instrucção, esporte, rapidez, alegria, vida. Sarah Bernhardt = seculo 19. Perola White = seculo 20. A cinematographia é a criação artistica mais representativa da nossa epoca. E' preciso observar-lhe a lição.”⁵

O cinema, entretanto, não surge “do nada”: ele, “um simbiótico apropriando-se das cinzas de aspectos dos predecessores”⁶ é o cume (não que outras tecnologias não possam a vir substituí-lo num futuro) de um processo de acúmulo filosófico e científico, principalmente no que se diz em relação à representação do real, mas também da própria evolução tecnológica. Se, por uma lado, a tentativa de duplicação da realidade por meio de imagens remota mesmo às pinturas rupestres, indo até a “perfeição” das pinturas renascentistas, o cinema em si não poderia existir se não fosse pelo advento da fotografia e, é claro, da própria eletricidade.

Mas a noção de cinema como devedor de outras artes (e da sua necessidade de uma linguagem própria e única) vai além disso: há grandes questionamentos sobre a reprodução da interpretação teatral, da composição de planos baseados na pintura e na fotografia, na forma da criação textual da literatura, etc. Disse Del Picchia em sua palestra na Semana de 22:

Nada de postiço, meloso, artificial, arrevesado, precioso: queremos escrever com sangue - que é humanidade; com eletricidade - que é movimento, expressão dinâmica do século; violência - que é energia bandeirante. Assim nascerá uma arte genuinamente brasileira, filha do céu e da terra, do Homem e do mistério. (1992, p. 22)

Afirma-se, ainda, sobre o cinema:

⁵Klaxon, nº 1, São Paulo, 05/1922

⁶Citação à crônica “O mundo pelos olhos da máquina-deus”, objeto desse texto.



A positividade do cinema estaria depositada na sua "modernidade", dentro de um pensamento que entendia esta modernidade como "esquecimento" e oposição à tradição, como ruptura radical com o passado. A nova arte das imagens, fruto de uma nova técnica, isenta de qualquer ingerência de uma tradição pela ausente, assumiria uma posição de extrema importância, pois em nenhum outro lugar estaria melhor concretizado o ideal de um presente sem memória, que olha exclusivamente para o futuro.⁷

Historicamente ligado ao contexto de uma época, sua “criação”, ou melhor, sua “autoria” é motivo de algumas controvérsias. Teriam sido os Irmãos Lumiere, na famosa exibição para um público pagante, numa sala fechada, de pequenos filmes cujo objetivo era mais o deleite com as possibilidades do novo invento, no *Grand Café* do *Boulevard des Capucines*, o marco da invenção do cinema (ou, mais precisamente, do “cinematógrafo”), ou isso deveria ser creditado a Thomas Edison, inventor do kinetoscópio, filmando pequenos acontecimentos em seu estúdio, o “*Black Maria*”?

Outra discussão levantada no texto é sobre a possível (ou não) oposição entre a realidade e a ficção, duas das principais correntes de produção fílmica. Os Lumiere e Edison, juntamente com Georges Méliès e Robert Flaherty, podem ser colocados no “olho da tempestade” da discussão entre ficcional e documental, debate que se mostra muitas vezes paradoxal quando levado aos extremos.

Entre outras discussões, também é mencionada a experiência trina de recepção dessa arte: o “cinema”, como o conhecemos hoje (não entraremos aqui no tema do “cinema expandido”), prescinde de uma sala escura, da captação de imagens num suporte (película), e da projeção destes. Assim, cada uma das partes separadas não pode ser considerada cinema.

OBJETIVOS

O objetivo da crônica “O mundo pelos olhos da máquina-deus”, mais do que informar, é exprimir uma subjetividade artística inerente ao autor, baseada em um acúmulo sobre a temática abordada. Assim, foi escolhida a crônica como modalidade textual, dentro de uma proposta de jornalismo literário.

⁷XAVIER, 1978, p. 33.



A liberdade autoral dentro da prática jornalística também foram preocupações dentro da disciplina, sendo um de seus objetivos o livre-exercer e auto-gestão dos trabalhos, sempre, obviamente, sob a supervisão do professor.

JUSTIFICATIVA

Tendo em vista a preocupação acadêmica dos professores de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará, em especial a do professor Agostinho Gósson, com uma visão crítica e alternativa da profissão de jornalismo, foi permitido aos alunos a escolha de seus próprios trabalhos, não se pautando por uma visão vertical da hierarquia de produção, e sim pelas necessidades de cada um.

Desta forma o aluno, dentro do âmbito da Universidade, entendida como espaço de aprendizado e experimentação, fica livre para testar os formatos e possibilidades que, num futuro, poderá optar como preferencial em sua prática profissional ou mesmo para partir para um aprofundamento teórico.

Dentre as diversas formas textuais possíveis em um jornal (reportagem, entrevista, resenha, charge, editorial, artigo, etc), a crônica foi escolhida como forma de expressão, tendo em vista uma predileção do autor pela parte de opinião, mais do que pela parte informativa.

Apesar da necessidade de um impresso de dialogar com a maior parte do público (caso seja seu público alvo), escolheu-se para a crônica em questão uma postura mais fechada, “hermética” por assim dizer. O texto faz referências, às vezes bastante subjetivas, à história e filosofia do cinema. Sendo, por vezes, de difícil “decodificação”. Assim sendo, seria recomendado a um tipo de texto com tais especificidades a veiculação em algum espaço especializado, no caso, por exemplo, uma revista/site sobre cinema ou artes visuais.

MÉTODOS UTILIZADOS



A exposição dentro de um estilo literário específico, identificado com a literatura, foi a principal vertente guia do trabalho. A leitura de publicações sobre o assunto e pesquisa em sites especializados serviu como base teórica. Como métodos para a realização, iniciou-se com divisão de repórteres por caderno (opinião, cidade, saúde, ciência e tecnologia, ambiente, etc) e uma reunião para a decisão de pautas.

REFERÊNCIAS

DEL PICCHIA, MENOTTI. A "Semana" revolucionária / Menotti del Picchia; organização, apresentação, resumo biográfico e notas Jácomo Mandatto. - Campinas, SP : Editora Pontes, 1992.

HELENA, Lucia. Modernismo brasileiro e vanguarda. 3ª Edição - São Paulo : Editora Ática. 1996.

XAVIER, Ismail. Sétima arte: um culto moderno. - São Paulo : Perspectiva : Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1978.